

A HISTÓRIA ECONÓMICA NA HISTÓRIA DOS PRÉMIOS NOBEL DA ECONOMIA

Ana Bela Nunes (*)

In the social science fields, in particular, the foremost aim of ordered knowledge is to enrich the direct experience of current generations with those of the past, and to wide the horizon of experience of a given nation by the experience of others [...] such knowledge, if shared by decision-making groups in society, will limit the chance of narrow, parochial, and dogmatic answers.

(Kuznets, S., «Knowledge and Policy», in *Six Lectures on Economic Growth*, p. 119.)

There is a gain in understanding the limitations of historical constructions, whether they are put together by traditional historians or by cliometrics.

(Fogel R.; Galintine R.; Manning R. (ed.), *Without consent or contract ...*, p. xiii).

Coase pointed out that the neoclassical model, which have served as the basis of economic reasoning for most scholars in the western world, holds only under the severe restrictive assumption of zero transaction costs: but that with positive transaction costs, institutions matter. There is no institutions in the neoclassical world: and indeed in such a world growth is not a problem [...] In fact the costs of transacting are the key to the performance of economies.

(North, D., «Institutions and economic growth...», p. 1319).

1 — Introdução

No conjunto dos 24 Prémios Nobel atribuídos até hoje no âmbito da ciência económica dois deles foram-no a três cientistas cujos trabalhos de investigação de maior relevo se desenvolveram inequivocamente no domínio da história económica. Dada a diversidade de áreas da economia contempladas com o prémio entre 1969 e 1993, o facto de a história económica ter merecido por duas vezes, com o intervalo de 22 anos, tal destaque vem confirmar que ela não só é, indiscutivelmente, um ramo da ciência económica como é um domínio importante desta disciplina, como Joseph Schumpeter ousou advogar de forma radical (1), muito antes de, em 1968, a Fundação Nobel decidir passar também a premiar cientistas da área da economia.

Naturalmente que o próprio facto de ter mediado mais de duas décadas entre a atribuição do prémio a Simon Kuznets (Universidade de Harvard) em 1971 e a Robert W. Fogel (Universidade de Chicago) e Douglass C. North (Universidade de Washington) em 1993 faria prever que a produção científica destes economistas fosse enquadrável em escolas ou paradigmas historiográficos diferentes.

(*) ISEG, UTL.

(1) «Of the fundamental fields, economic history — which issues into and includes present-day facts — is by far the most important», in Schumpeter, 1954, edição de 1967, cap. 2, p. 12.

É nosso objectivo aqui apresentar os contributos destes cientistas enquanto historiadores económicos — ou economistas historiadores — de forma comparativa em termos da problemática, nomeadamente no que respeita ao nível de ambição com que a delineiam, do método, concretamente no que respeita ao modo de utilização da teoria e de instrumentos operatórios e analíticos (fundamentalmente estatísticos) e ainda dos resultados atingidos e seus limites.

Penso que a reprodução das curtas declarações que publicitaram a decisão da Academia Real das Ciências da Suécia de conceder os prémios Nobel àqueles economistas, bem como de curtos mas significativos extractos das apresentações preparadas pelos comités responsáveis pela escolha, são um bom ponto de partida para o exercício a que nos propomos.

Como referimos, em 1971 a escolha recaiu em Simon Kuznets «pela sua interpretação do crescimento económico, interpretação fundada empiricamente, que abriu caminho a uma interligação nova e mais profunda da estrutura económica e social e dos processos de desenvolvimento».

Do discurso do Prof. Berth Ohlin, aquando da entrega do prémio a Kuznets, merecerão comentário as seguintes passagens:

In his scholarly work, Kuznets has consistently addressed himself to giving quantitative precision to economic magnitudes which seem to be relevant to an understanding of processes of social change.

[...] but he shows a very limited sympathy for abstract and generalizing models which provide few opportunities of empirical testing [...]

o que é reconhecido como um meio de:

[...] stimulating the construction of new theoretical models with an enhanced applicability. Within the framework of these models, regard is also paid to institutional and non-economic factors — for example changes in population growth, in technology, in the industrial structure and in market forms.

Em 1993 seriam Robert Fogel e Douglass North os galardoados «por terem renovado a investigação em história económica ao aplicarem teoria económica e métodos quantitativos para explicar a mudança económica e institucional».

A leitura da apresentação oficial dos laureados de 1993 acrescenta informação relevante para a nossa análise comparativa. Deixemos aqui igualmente algumas passagens:

They were pioneers in the branch of economic history that has been called the «new economic history», or cliometrics [...]

[they] increased our knowledge of the past, but [...] also contributed to the elimination of irrelevant theories.

[they] consider far reaching problems, the estimation of which demand an integration of economics, sociology, statistics and history.

Em apreciações individualizadas:

His exceedingly careful testing of all possible sources and his pioneering methodological approach have allowed Fogel [...] to renew

our methods of research [...] His use of counterfactual arguments and cost-benefit analysis made him an innovator of economic historical methodology [...] Fogel is an empiricist who never leaves any sources unexplored.

North can be compared to those prize winners who have previously received the prize for purely theoretical works. North is an inspirer, a producer of ideas, who identifies new problems and shows how economists can solve the old ones more effectively.

2 — A problemática

As citações que seleccionámos apontam para algumas similitudes à partida, no que respeita às preocupações de investigação dos economistas em questão:

- i) Nos dois momentos as contribuições centram-se nas questões do processo de transformação económica e concretamente do crescimento económico, com particular relevo para os últimos dois séculos e meio ⁽²⁾. Este facto não é surpreendente pois aquela é a problemática por excelência da história económica e foi nos últimos 250 anos que os ritmos de transformação se aceleraram significativamente provocando por um lado a consciência cada vez mais alargada de que a sociedade não é imutável e por outro o desenvolvimento das ciências sociais para explicar o seu funcionamento e as causas e mecanismos dessas rápidas transformações ⁽³⁾.
- ii) Nos dois momentos se refere a necessidade de desenvolver o estudo desse processo levando em conta outros domínios da vida social que não estritamente o económico. As questões da interdisciplinaridade inerente a este aspecto serão retomadas a propósito da metodologia, dos resultados e dos seus limites.

Apesar de diferenças importantes na sua inserção, os aspectos tecnológico, institucional e demográfico são particularmente sublinhados na produção científica destes investigadores a propósito do crescimento económico, quando não constituem mesmo a problemática central como adiante se explicitará.

Vejamos com mais detalhe o âmbito dos contributos, considerados mais importantes pela Academia Real das Ciências da Suécia, destes economistas.

Contrariamente ao que seria de esperar por ter desenvolvido trabalho relevante e mesmo pioneiro em outras áreas de carácter mais teórico e técnico num conceito mais estrito da ciência económica, nomeadamente em termos da

⁽²⁾ Dos três economistas, apenas North, em especial em North; Thomas, 1973, e — de forma mais restrita em termos de problemática e de âmbito temporal — em North, 1968, se dedica a interpretar processos de mudança económica e social de sociedades pré-industriais.

⁽³⁾ V. a este propósito Tortella, 1987, cap.1, pp. 2-3, e Cippola, 1991, parte I, cap. 2.

contabilidade nacional e das flutuações económicas ⁽⁴⁾, não foi directamente por esses trabalhos que Kuznets foi premiado. Ele foi-o pelas investigações no domínio da história económica quantitativa, concretamente pelo estudo comparativo do crescimento de economias nacionais, solidamente assente num trabalho empírico de recolha de séries históricas do rendimento e produto nacionais e da sua composição, da população, da população activa e de outras variáveis macroeconómicas, referente a um número muito significativo de países. É a partir da compilação destes dados que ele formularia a sua teoria sobre as características e tendências gerais do crescimento económico de longo prazo nos séculos XIX e XX, na época que ele designa por crescimento económico moderno. Kuznets reconhece, na conferência proferida no momento da entrega do prémio, que duas das seis publicações que considera mais importantes da sua vida profissional e académica cristalizam os seus trabalhos neste âmbito. São provavelmente as suas obras mais conhecidas, também dos historiadores e foram o resultado de investigação empírica «iniciada ou assistida» no âmbito da Social Science Research Committee on Economic Growth, onde esteve entre 1949 e 1968. A saber Kuznets, 1966, Kuznets, 1971. Voltaremos a esta questão a propósito dos resultados a que estas investigações conduziram.

Assim, parece legítimo concluir, a partir das citações que deixámos acima, que o maior reconhecimento da academia sueca vai para os seus trabalhos em que a componente de investigador-historiador económico é mais vincada, se bem que eles sejam um produto natural das suas investigações no âmbito da contabilidade nacional ⁽⁵⁾.

⁽⁴⁾ Relevo para o trabalho pioneiro desenvolvido durante a sua longa colaboração com o National Bureau of Economic Research em Nova York (onde esteve entre 1927 e 1961) e também com a International Association for Research in Income and Wealth, criada em 1947 em Washington, no âmbito da criação e aperfeiçoamento da contabilidade nacional, tanto do ponto de vista conceptual e metodológico como empírico, concretamente na avaliação e estimação do rendimento e produto nacionais e da sua composição, com especial realce para a formação de capital, poupança, sector público (*government product*), distribuição do produto e do rendimento. Os seus numerosos contributos neste âmbito foram publicados pela própria NBER com destaque, entre muitos outros, para Kuznets, 1954, e Kuznets, 1961, e pela IARIW, de que Kuznets, 1951, é um título a reter, e por revistas americanas como, por exemplo, a *Economica*, a *Review of Economics and Statistics* e a *American Economic Review*. O início da sua carreira académica deixou ainda obra relevante, se bem que mais passageira, na análise das flutuações económicas onde, com base, primeiro, em séries de produção e preços americanos, identificaria ciclos com a duração de cerca de 22 anos, que apesar de toda a controvérsia que levantam acerca da sua aplicação e mecanismos mereceram ficar conhecidos pelo seu nome. É neste âmbito temático que surge a que é considerada, mesmo por Kuznets, a sua primeira publicação importante — Kuznets, 1930.

⁽⁵⁾ Hoje em dia no domínio da história económica, em especial na sua faceta de economia histórica, as investigações de contabilidade nacional retrospectiva são dos domínios com maior desenvolvimento e passam por questões metodológicas e conceptuais importantes. Na linha de homens como Clarck, Kuznets, Abramovitz, Kendrick, (companheiros de Kuznets no National Bureau of Economic Research — para não falar de Lewis, Denison ...) Angus Maddison tem liderado, no Groningen Growth and Development Centre, um programa de investigação no âmbito do crescimento e desenvolvimento da economia mundial e têm decorrido seminários sobre contabilidade nacional retrospectiva comparada, como o que se realizou em Junho de 1994.

Quanto aos cliometristas premiados em 1993, os seus trabalhos apresentam orientações e preocupações bastante diferentes apesar da aceitação do mesmo paradigma historiográfico, a que faremos referência mais detalhada a propósito da metodologia. Uma parte significativa dos esforços de ambos, contudo, tem a ver com a avaliação do impacto no crescimento económico quer de factores tecnológicos quer de factores institucionais.

Fogel foi um dos pioneiros da «New Economic History» em termos da utilização dos seus instrumentos específicos que desenvolveremos no ponto 3.2. O primeiro trabalho em que os apresenta de forma integrada e operativa, em Fogel, 1964 ⁽⁶⁾, obra que também por isso ficaria como um marco da cliometria, visa avaliar quantitativamente o impacto no crescimento económico moderno, com base no caso americano, de uma inovação tecnológica até aí considerada inequivocamente como decisiva: o caminho de ferro. A relativização da sua importância leva-o a uma tese bem mais ambiciosa pelo grau de generalização que contém: «No single innovation was vital for economic growth during the nineteenth century» (Fogel, 1964, p. 234).

A segunda área de interesses que desenvolveu teve ainda a ver directamente com o impacto de outro factor, desta vez institucional, no crescimento económico americano: a escravatura. Sem ter sido pioneiro no tratamento cliométrico do tema ou nas conclusões essenciais que daí retira ⁽⁷⁾, nomeadamente acerca da eficiência e lucratividade daquela forma organizativa enquanto investimento e quanto ao seu efeito na economia, no desenvolvimento da economia sulista em particular e da economia americana em geral, o seu contributo neste domínio desenvolve-se a partir do início da década de 70. Depois de *The economics of slavery*, publicado em Fogel; Engerman (ed.), 1971, viriam os dois volumes de Fogel, 1974, e sobretudo Fogel; Galintine; Manning (ed.), 1989. Uma versão suplementar desta obra, publicada posteriormente (1992) com estrutura de enciclopédia temática (ou subtemática) e vocacionada para os aspectos metodológicos e estatísticos da investigação neste domínio, inclui a ampla evidência e ensinamentos que suportaram a reorientação e as conclusões mais recentes nesta área. Os aspectos morais, religiosos e ideológicos da questão são enquadrados nos aspectos económicos e demográficos mais quantificáveis e sujeitos a tratamento mais sofisticado do ponto de vista estatístico.

A mais recente área de investigação de Fogel enquadra-se na demografia e em especial na demografia económica. Esta linha, em parte desenvolvida também a propósito dos seus trabalhos sobre a escravatura, como o demons-

⁽⁶⁾ Uma versão preliminar deste trabalho foi publicada no *Journal of Economic History*, vol. 22, 1962, sob o título «A quantitative approach to the study of railroads in American economic growth: a report of some preliminary findings».

⁽⁷⁾ Esse pioneirismo deve ser atribuído a Conrad e Meyer, por um artigo inicialmente publicado em 1958 no *Journal of Political Economy*, vol. 66, sob o título «The economics of slavery in the antebellum South», que, como Peter Temin refere, «Like Fogel's work on railroads, it sharply redirected research in its area and has given rise to an extensive literature» e antes «[it] may be considered the original article of the new economic history», in Temin (ed.), 1973.

tram algumas das suas contribuições na publicação atrás referida ⁽⁸⁾, tem a vertente mais recente na relação da evolução da quebra na taxa de mortalidade e do nível de vida no longo prazo. A conferência Nobel que proferiu em Dezembro de 1993 (Fogel, 1994), reflecte as suas preocupações mais recentes onde ressalta uma ligação quase surpreendente às ciências biomédicas.

North dedicou primeiramente a sua investigação no âmbito da história económica ao estudo do crescimento e desenvolvimento económico dos Estados Unidos no longo prazo, em que ressaltam as referências North, 1961 e North, 1971, e da Europa onde a principal referência bibliográfica é North, 1973. Com a eventual excepção do primeiro estudo sobre a economia americana no período 1790-1860 em que o crescimento económico é enquadrado através de um modelo de especialização inter-regional e do poder de arrasto de um sector de exportação, as plantações de algodão do Sul, nos outros sectores localizados no Norte e Oeste, os dois outros trabalhos reflectem já com clareza as suas preocupações mais recentes: analisar e realçar a importância dos factores institucionais no crescimento económico e consequentemente relativizar o papel das alterações tecnológicas no processo de desenvolvimento. Extremamente inovadora a sua análise sobre a explicação da evolução da economia europeia entre os séculos x e xviii, pela utilização integrada da teoria económica com os direitos de propriedade e as relações sociais.

Em rigor, o seu artigo sobre os factores da evolução da produtividade na navegação oceânica, North, 1968, é o primeiro dos seus trabalhos considerado marcante no âmbito desta problemática.

Como pretendeu demonstrar na conferência Nobel que proferiu, publicada em North, 1994, compreender a evolução e transformação económica é procurar uma teoria da dinâmica económica. Esta tem de assentar por um lado na ideia de instituição, enquanto estrutura de incentivo de uma sociedade, e por outro no factor tempo enquanto «dimension in which the learning process of human beings shapes the way institutions evolve». As instituições políticas, culturais e económicas determinam o desempenho económico e explicam as diferenças nos ritmos de crescimento de países — casos da Holanda e a Inglaterra versus países ibéricos — ao condicionarem, paralelamente à tecnologia utilizada, os custos de transacção e transformação em ligação com os níveis de incerteza na mudança. Em North, 1989, e especialmente em North, 1990, é apresentada e discutida a interligação entre as alterações institucionais e os seus factores — desde as alterações dos preços relativos ao crescimento demográfico —, a evolução da estrutura económica e dos ritmos de crescimento.

Aos resultados e outras conclusões das suas análises, bem como aos efeitos desta problemática na inovação teórica e metodológica dentro da escola cliométrica voltaremos em pontos específicos.

⁽⁸⁾ «Revised estimates of the U. S. slave trade and of the native-born share of the black population», «An estimate of the generational distribution of U. S. blacks, 1640-1850», «Labor force participation and life cycles in slave occupations — on differential mortality rates as an explanation for the life cycles in occupations» são algumas das contribuições referidas.

Depois de ter iniciado este ponto, realçando o que nos pareceu serem aspectos gerais da convergência temática dos três investigadores, pensamos ser possível desde já, mesmo sem aprofundar um pouco mais os resultados dos principais contributos de Kuznets, Fogel e North, concluir da desigual ambição das problemáticas em causa.

Parece-nos claro que os trabalhos evoluem no tratamento das questões do crescimento económico com níveis ambição bem diferente, quer no que respeita ao grau de integração e globalização, quer no que respeita aos níveis de teorização.

No que respeita ao primeiro aspecto, Fogel mantém-se basicamente a analisar aspectos parcelares do crescimento económico, discutindo a associação e a causalidade entre níveis de actividade económica ou níveis de vida e variáveis e factores como o caminho de ferro, a escravatura e a longevidade, a estatura física ou a mortalidade. North e sobretudo Kuznets evoluem para análises em que as pretensões de operar simultaneamente com vários factores económicos e extra-económicos são marcantes. No primeiro caso é discutida a importância relativa desses factores, o que acaba por levar a uma fixação maior sobre os aspectos institucionais, organizativos e sociais, no segundo caso o esforço incide na complexa interactividade dos factores e características do que é referido por crescimento económico moderno.

Quanto ao nível de teorização, e sem referência directa aos aspectos metodológicos, Kuznets pretende chegar a uma teoria geral sobre os processos de crescimento sustentado que se desencadeiam nos séculos XIX e XX. Também North visa contribuir para o desenvolvimento de uma «teoria da dinâmica económica» assente na «nova economia institucional» e numa «teoria do comportamento humano». Quanto a Fogel, os seus esforços de teorização são mais parcelares e na área da demografia, ou da «economia da população», e estão ainda num estado bem mais embrionário.

3 — O método

Peter Temin, para enquadrar a cliometria do ponto de vista metodológico, parte da formação da economia enquanto ciência no século XIX, distinguindo a existência então de dois paradigmas: a «economia clássica», que se caracteriza pelo raciocínio dedutivo, «to derive generalizations about the world from abstract propositions», e a «economia histórica», baseada no princípio da indução, «the study of specific historical cases was supposed to generate laws of economic behaviour». Mais adiante refere:

The new economic history (known also as econometric history or cliometrics) differs from the old by being a member of the classical economics family [...] The econometric historian starts by framing a hypothesis and then considers those facts that are relevant to the question of its validity. [...] In the past most historians [...] absorbed a large number of miscellaneous facts relating to the period in which they were interested or to problems very loosely defined. [...] they did not accept or reject on any rigorous test of relevance to a

hypothesis. They retained in their minds an accumulating stock of information, as it were a compost heap, on which in due course ideas and generalizations burgeoned, as a result of reflection, flair and intuition. [Temin (ed.), 1973, p. 7.]

Nas apresentações dos laureados apenas em 1993 é explicitado que o domínio da economia em causa é a história económica e concretamente a cliometria. Vale a pena por isso dedicar, ao longo deste ponto, algum espaço relativamente maior a Kuznets para revelar a sua estrutura intelectual de historiador e em especial a forma como fez história. Para mais, isso ajudará a enquadrar a sua teoria sobre o crescimento económico de longo prazo, que constituiria, como já ficou claro, a cristalização da sua obra e a que faremos referência mais circunstanciada no ponto seguinte.

3.1 — Kuznets: a «velha história económica»

Um primeiro aspecto que merece realce é o enorme espírito crítico de Kuznets relativamente à teoria económica dedutiva, pela facilidade com que: «[...] generalizations in the history of economics, in which trends or relations suggested by a limited segment of historical experience have been extrapolated far beyond their legitimate empirical base. [...] The projections of long-term economic growth made by the Classical and Marxian schools are illustrations that come easily to mind; so do such purely empirical generalizations as Pareto's 'laws' of the size distribution of incomes».

Mais adiante, refere ainda a propósito da «primacy of empirical evidence»:

[...] the knowledge thus derived will lead toward a more intelligent response to major problems of economic growth; and which encourages the hope that it will mitigate, if not complete dissolve, the variety of dogmatic view-points that are survivals of past over generalizations no longer useful as tools for understanding or for social policy» [Kuznets, 1959, pp. 119-121].

Efectivamente, o respeito pelos factos levam-no em inúmeros prefácios, sobretudo dos seus trabalhos levados a cabo no âmbito do National Bureau of Economic Research e no âmbito da International Association for Research in Income and Wealth à defesa incondicional da imprescindibilidade da «tested empirical evidence». É o caso do prefácio a uma das seis obras que Kuznets considera, na sua Conferência-Nobel, constituírem as suas principais publicações — Kuznets, 1951.

Como de forma implícita Ohlin referiu na citação que seleccionámos na introdução, trata-se de advogar o método indutivo para a formulação da teoria.

A aproximação de Kuznets à «velha história económica», cuja produção é associada muitas vezes, sobretudo pelos economistas, aos investigadores de formação académica em História, sai reforçada noutras afirmações e em algumas preocupações reveladas por Kuznets.

A citação de Kuznets escolhida para a introdução desta comunicação resume a importância e o papel da história na formação do economista ao sublinhar a necessidade de enquadrar o estudo da economia e em especial da economia aplicada no tempo e no espaço, aspecto particularmente cuidado pelos grandes historiadores como a obra de F. Braudel testemunha ⁽⁹⁾.

Ainda relacionada com este aspecto está a sua preocupação em enquadrar no tempo a sua teoria sobre o crescimento no longo prazo. Este facto leva-o às questões da periodização da história da humanidade, a partir, naturalmente, de critérios económicos. Utiliza os conceitos de época económica e de inovação epocal para se localizar na época do crescimento económico moderno, cuja inovação associada é «a emergência da ciência moderna enquanto base de nova tecnologia».

Sem se preocupar de todo em caracterizar outras épocas económicas e sobretudo o processo de transição da época anterior para a que constitui o seu objecto de estudo, é contudo muito sensível à continuidade histórica:

Yet modern growth continues many older trends if in greatly accelerated form. This continuity is important particularly when we find that, except for Japan and possibly Russia, all presently developed countries were well in advance of the rest of the world before their modern growth and industrialization began, enjoying a comparative advance produced by pre-modern trends.

e acrescenta a propósito das dificuldades em fazer periodizações:

It is also important because it emphasizes that distinction among economic epochs is a complicated intellectual choice and that the continuation of past trends and their changing patterns over time are subjects deserving the closest attention. [Kuznets, 1971, Conferência Nobel, p. 316.]

Quanto ao recurso a métodos quantitativos e nomeadamente estatísticos, Kuznets, no que respeita aos seus trabalhos de história económica, é associado à história quantitativa e serial desenvolvida por economistas e historiadores, muitas vezes ligados à escola dos «Annales» nos anos 30, como Simiand, Labrousse, Hauser e Hamilton, e nos anos 40, já ligados à preocupação de avaliação global da actividade económica e do crescimento, na linha de Clark e do próprio Kuznets, como Fourastié ou Marzewsky ⁽¹⁰⁾. Trata-se de uma história fundamentalmente estatística ⁽¹¹⁾, mas sem a sofisticação da estatística analítica.

⁽⁹⁾ V. por exemplo uma das suas obras mais citadas, nomeadamente Braudel, 1979, em especial o 1.º capítulo do tomo 3.

⁽¹⁰⁾ V. por exemplo Chaunu, 1978.

⁽¹¹⁾ Como V. Magalhães Godinho referiu, «A preocupação orientadora era fazer remontar no passado tão longe quanto possível as séries numéricas que no estudo do presente se tinham revelado, ou se supunha servirem de indicadores gerais do movimento conjuntural», *in* Godinho, s/d, p. 52.

Esta proximidade à escola dos «Annales» sai reforçada ainda numa outra perspectiva. Efectivamente, a insatisfação de Kuznets com a teoria económica não teve apenas a ver com a tendência para ela esquecer a relatividade histórica na sua aplicabilidade, mas também com a sua incapacidade para integrar a economia no contexto dos outros domínios da vida social.

A sua contribuição no domínio do crescimento económico é reveladora do sucesso que os seus esforços e sensibilidade à interdisciplinaridade produziram.

A caracterização da época do moderno crescimento económico não se limita à riqueza das interligações e condicionamentos mútuos dos factores económicos mais relevantes, facto que lhe dá a configuração de uma teoria, como Kuznets se preocupou várias vezes em demonstrar, como por exemplo em Kuznets, 1959. Provando que as suas preocupações não são apenas com as transformações económicas mas com a mudança social (*social change*), Kuznets demonstra a associação entre o crescimento sustentado (e os factores e mecanismos que o garantem, em especial a aplicação da ciência à actividade económica e nomeadamente à inovação tecnológica) e um conjunto de factores extra-económicos, bem mais diversificado que os referidos por Ohlin. E fá-lo de forma totalmente integrada na sua teoria, tornando-a, ambiciosamente, mais do que uma teoria do crescimento económico, uma teoria da mudança social na época do crescimento económico moderno.

Às estruturas políticas, mentais e culturais, para além dos aspectos demográficos, é dada particular importância. A formação de Estados soberanos modernos democraticamente legitimados e sustentados por uma comunhão de sentimentos, a que Kuznets associa mudanças também mentais e culturais, que referencia por secularismo, igualitarismo e nacionalismo, constituem factores de sucesso para a sustentação do crescimento. O importante papel de estímulo ao crescimento e às alterações estruturais desempenhado pelo Estado em alguns casos nacionais e de forma bastante geral no crescimento após a 2.ª Guerra Mundial é profusamente referido (Kuznets, 1964).

A associação entre este crescimento e os níveis de alfabetização e de educação em geral é também particularmente sublinhado num processo que assenta na aplicação de conhecimentos científicos testados e em que o crescimento se deve sobretudo ao aumento da produtividade dos factores produtivos. Trata-se, aliás, de um tema muito actual na história económica ligada ao crescimento e às causas do atraso económico [v. Tortella (ed.), 1990].

Igualmente actual do ponto de vista da história económica do crescimento é a questão dos factores institucionais como o reconhecimento da obra de North testemunha. A exigência da sua modificação acompanhar o crescimento moderno surge à partida estritamente ligada à organização da actividade económica, quer em termos do tipo de unidades económicas, quer em termos dos modos de funcionamento da economia, quer em termos das alterações geográficas, nomeadamente o crescimento urbano. Kuznets desenvolve a este nível observações importantes sobre a dificuldade de contabilisticamente se avaliar parte dos efeitos sociais e nas condições de vida deste tipo de alterações associadas às inovações tecnológicas.

Mas para Kuznets o contexto institucional não é meramente o económico. A título de exemplo, ele dá grande importância aos efeitos da estrutura familiar

moderna, por seu lado ligada às alterações na estrutura demográfica, nas alterações de estrutura produtiva via procura (Kuznets, 1966, edição de 1987, pp. 60-61 e 200-201).

A propósito da importância destes factores extra-económicos vale a pena citar Kuznets na Conferência Nobel, numa passagem muito schumpeteriana:

A technological innovation [...] represents a venture into the partly unknown, something not fully known until the mass spread of the innovation reveals the full range of direct and related effects.[...] Its cumulative effects, all new, extend over a long period and result in an enormous transformation of economic production and of production relations. But these new effects can hardly be fully anticipated or properly evaluated in advance [...] Even when the technological innovation is an adaptation of a known technique by a follower country, the results may not be fully foreseen for *they represent the combination of something known, the technology, with something new, an institutional and ideological framework with which it has not previously been combined.* [Sublinhado nosso.]

Sempre revelando um incontestável rigor, Kuznets não recorre a formulações matemáticas complexas ou a uma linguagem muito hermética para divulgar a sua teoria sobre o crescimento económico de longo prazo. A utilização de conceitos e raciocínios económicos mais técnicos e elaborados ou de leis económicas, a que naturalmente não se furta, aparecem integrados de modo a implicitamente ficarem definidos ou explicados na teia de interligações com que expõe as suas ideias⁽¹²⁾. Assim, a maioria dos leitores atentos e interessados, mesmo não sendo economistas, terão delas uma compreensão bastante correcta e completa. O conceito de elasticidade, a propósito, por exemplo, das tendências estruturais inerentes ao crescimento económico moderno (Kuznets, 1966, cap. 3), ou o de economia de escala, a propósito, por exemplo, das consequências da dimensão das nações no crescimento económico [Robinson (ed.), 1960], são paradigmáticos. Também este aspecto põe Kuznets na linha de economistas com sensibilidade à história, tão respeitados como Smith, Marx ou Schumpeter.

3.2 — R. Fogel: a versão radical da «nova história económica»

Como ficou referido acima Fogel foi sobretudo um inovador no que respeita à metodologia da história económica — a utilização simultânea de análise contrafactual, isto é, a comparação do comportamento e evolução de fenómenos reais, observados, com uma hipótese alternativa construída, não observada,

⁽¹²⁾ Kuznets não deixa de apontar, também na parte da sua obra que aqui nos preocupa, as questões técnicas que desenvolveu nos seus trabalhos de aperfeiçoamento da contabilidade nacional, a propósito das consequências que daí advêm para o rigor das conclusões e interpretações que desenvolve.

sobre o mesmo fenómeno, de técnicas de estatística analítica e de teoria económica, nomeadamente a neoclássica. Esta forma de fazer história leva à utilização de modelos econométricos por um lado, ao esforço de quantificação e à construção de variáveis relevantes por outro.

A utilização de análises baseadas em argumentos contrafactuais tem sido indiscutivelmente o aspecto mais controverso e mais contestado pelos historiadores económicos não cliométricos, levando mesmo a algumas observações jocosas como em Cipolla, 1993. Como seria natural, Fogel foi protagonista de alguns dos debates metodológicos com «some older historians». Em Fogel, 1966, e Fogel, 1967, por exemplo, encontram-se as críticas principais ao método e técnicas cliométricas, nomeadamente ao uso do contrafactual e de modelos analíticos sofisticados, bem como a sua defesa.

Hoje em dia, a sofisticação da investigação quantitativa aplicada à história económica tem evoluído significativamente e Fogel mantém-se na primeira linha do que considera ser uma verdadeira arte, como fica claro na obra já referida Fogel, Galintine, Manning (ed.), 1992, nomeadamente, de forma sucinta, no seu prefácio:

This volume is an up-to-date manual on the art of quantitative research in the social sciences [...] we have culled from the hundreds of research memorandums and statistical analysis in our files a set that we believe effectively illustrate our methods [...] procedures for data retrieval that exploit the potential of the powerful new laptop computers, evaluations of alternative procedures for data cleaning and verification, and examples of the ways in which simulation models can be used to transform patcy and unreliable data into useful information.

Contudo, mais adiante, sublinha:

Good empirical research is an art because it depends on human judgement and on experience — not just judgement about satistical procedures and experience in the processing of data. What is also required is a deep understanding of the historical circumstances that produced the data in the first place and of the historical context of the issues to which the data and the theoretical models will be applied. Good quantitative research is a complex interaction between people and machines, between inputs and outputs, between evidence and theory, between that which can be quantified and that which can not. Success in this art requires not only imagination and mental agility but the capacity to work long and steadily for a distant reward [...] [Fogel, Galintine, Manning (ed.), 1992, pp. XIII, XIV.]

Nem a segunda parte destas observações tranquilizarão os «traditional historians». Cada vez mais a cliometria é vista com maior suspeição e considerada mais hermética pelos não cliométricos, sobretudo se a sua formação básica não é a economia.

3.3 — North: a versão sofisticada da «nova história económica»

Se a cliometria deve a Fogel o núcleo duro do seu paradigma na sua forma mais irreverente e radical e crescente sofisticação e rigor no âmbito do tratamento e quantificação de variáveis, deve a North o esforço de rigor teórico e de aproximação à realidade, por um lado, e a certeza de que a cliometria é compatível com criatividade e versatilidade.

Todo o trabalho inovador de North (v., por exemplo, North, 1978, North, 1982, North, 1989), parte da crítica sistemática e rigorosa da teoria neoclássica, concretamente dos pressupostos restritivos em que assenta, bem como das limitações que traz à capacidade da história económica, nomeadamente a cliométrica, de compreender, descrever e explicar a evolução das economias. Naturalmente isso não o leva a pôr em causa quer a importância da teoria neoclássica quer os ganhos em rigor científico que a cliometria trouxe à história económica, também pela sua utilização. Mas, leva-o a sublinhar a perda de riqueza temática a que o enquadramento neoclássico original conduziu, nomeadamente no que respeita às explicações do crescimento e evolução das estruturas económicas. E acusa ao mesmo tempo que aponta o caminho:

Cliometrics have turn their backs on a long tradition stretching back from Joseph Schumpeter to Karl Marx to Adam Smith. These scholars regarded economic history as essential because it added a dimension to economics. Its purpose was to analyze the parameters held constant by the economist. If theory is a theory of choice subject to specified constraints, a task of economic history was to theorize about those evolving constraints. [North, 1978, p. 963.]

Dos pressupostos neoclássicos com implicações na análise das transformações económicas de longo prazo que North discute em termos das suas insuficiências⁽¹³⁾ muitos têm a ver de forma directa com a questão central dos custos de transacção supostos nulos nos modelos neoclássicos, facto que equivale à não consideração da operacionalidade das instituições. Ora, North defende e demonstra nas suas obras essenciais acima referidas que na realidade os custos de transacção sempre foram positivos e se reflectem em inúmeras situações, ou seja que as instituições sempre foram importantes:

In fact, the costs of transacting are the key to the performance of economies. [North, 1989, p. 1319.]

De entre as situações a que North dedicou ampla reflexão a este propósito está a que se prende com as consequências que advêm das relações económicas tenderem a ser impessoais, nomeadamente a tendência para comportamentos de fuga ou oportunistas e a necessidade de desenvolver estruturas institucionais e mecanismos que limitem esses comportamentos, dando

(13) Para uma análise breve e sintética, v. North, 1982, em especial pp. 26-27.

segurança aos intervenientes: os direitos de propriedade. Estes mecanismos representam um custo que é compensado com os ganhos que advêm do desenvolvimento da especialização e divisão do trabalho que tem como contrapartida o aumento da rede de relações interpessoais (e impessoais). Naturalmente a existência de direitos de propriedade exige enquadramentos institucionais mais complexos, nomeadamente formas de imposição de contratos e especificação daqueles direitos — o Governo. Quanto melhor especificados forem esses direitos e quanto maior for a capacidade de os impor, mais complexas podem ser as situações de interdependência com acréscimos de eficiência económica. Assim, o que ele refere como «o modelo de troca pessoal»:

[...] entail both the development of efficient products and factor markets and of a medium of exchange with reliable features. [North, 1989, p. 1320].

4 — Os resultados

Ao longo deste texto muito ficou já referido, mesmo que de forma implícita, acerca dos resultados e mesmo dos limites que os paradigmas utilizados lhes impuseram. Seria por isso possível concluir resumidamente, enquadrando Kuznets, talvez de um modo um tanto simplista, no que alguns chamam «historiografia globalizante» e Fogel e North na vertente económica da «historiografia parcelar» e apresentar as limitações que são genericamente apontadas a cada uma, geralmente por oposição à outra.

Contudo esta questão merece algumas observações mais circunstanciadas. Começemos ainda por alguns aspectos comuns.

Em qualquer dos casos é reconhecido pelos próprios e pelas entidades que os apresentam, aquando da entrega dos prémios, que os resultados a que chegaram contribuíram para refutar teorias irrelevantes, enganadoras e mesmo erradas.

Em qualquer dos casos o respeito pelos factos por um lado, e pelas variáveis não facilmente quantificáveis por outro, leva ao esforço de criar verdadeiras teorias de âmbito mais ou menos parcelar.

Vejamos os dois casos em que a ambição de construção de teorias de âmbito mais geral merecem observações mais detalhadas: Kuznets e North.

4.1 — Kuznets: um modelo sobre as características comuns ao processo de crescimento económico moderno

Para Kuznets o crescimento económico moderno caracteriza-se por um conjunto de aspectos — elementos comuns, que estatisticamente apontam para a sua invariância no espaço — que permitem identificar o fenómeno (e detectar quando ele é desencadeado em cada espaço nacional) e distingui-lo de processos de crescimento de épocas anteriores, independentemente de diferenças em alguns aspectos institucionais.

Essas características comuns, reagrupáveis de várias formas, nomeadamente em aspectos agregados, estruturais e internacionais (Kuznets, 1966), foram reapresentadas por Kuznets na sua Conferência Nobel:

- Altas taxas de crescimento do produto *per capita* e da população;
- Altas taxas de crescimento da produtividade, isto é, do produto por unidade de todos os *inputs* (esmagadoramente responsável pelo crescimento do produto *per capita*);
- Alto ritmo de transformação estrutural da economia: aumento do peso do sector industrial em detrimento do sector agrícola e mais recentemente aumento do sector terciário em detrimento dos restantes; alterações na estrutura do consumo; no peso relativo da oferta externa e interna; na dimensão das unidades produtivas; no tipo de unidades económicas, ...;
- Alterações nas estruturas sociais e na ideologia da sociedade (urbanização, secularização, ...);
- Propensão para os países desenvolvidos, graças ao seu poder tecnológico, nomeadamente a nível do sector dos transportes e comunicações, «[...] to reach out the rest of the world — thus making for one world in the sense in which this was not true in any pre-modern epoch»;
- Limitado alastramento do moderno crescimento económico [a uma porção de cerca de 1/4 (1971) da população mundial] apesar dos seus efeitos se sentirem parcialmente em todo o mundo.

Como acima se referiu, a fonte deste tipo de crescimento, a inovação epocal associada a esta época económica, é a aplicação da ciência moderna à actividade produtiva, nomeadamente à inovação tecnológica.

Trata-se de uma caracterização económica dos países desenvolvidos observável no âmbito do «Estado-nação». Kuznets justifica cuidadosamente (Kuznets, 1966, edição de 1987, pp. 16-18) porque escolheu o enquadramento geopolítico dos estados nacionais para a sua análise do crescimento económico moderno. As razões apresentadas assentam nos aspectos políticos e culturais, nomeadamente a importância de uma entidade politicamente independente, isto é, com capacidade de soberania e simultaneamente com legitimidade, fundada no nacionalismo, para tomar decisões que directa ou indirectamente influenciam o crescimento económico.

Não é questionável a relevância dos espaços económicos nacionais e por isso dos estados nacionais modernos que os constroem, como foi provado pelo estudo de inúmeros casos de modernização bem sucedida desde o século XIX.

No entanto, é incontestável, que os processos de industrialização e modernização, mesmo em países de dimensão relativamente pequena, são sempre, em rigor, regionais. Desencadeiam-se aproveitando a existência, em certas zonas, de vantagens que podem ter a ver com a maior disponibilidade de meios de comunicação, com factores naturais, incluindo as condições de acesso à oferta de energia ou de outros recursos naturais, etc. Os limites à difusão do processo e mesmo dos seus efeitos, a nível nacional, a partir de pólos de desenvolvimento, existem de forma paralela aos referidos a nível internacional e na prática não parecem mais fáceis de superar.

Por outro lado, a existência hoje em dia de espaços económicos supranacionais com âmbitos geográficos, níveis de integração e meios institucionais diferentes é uma evidência difícil de contestar. A «economia global» tem talvez a sua expressão mais subtil e radical na operacionalidade crescente da economia mundial contemporânea, enquanto economia-mundo à escala do planeta.

Espaços económicos com o nível de institucionalização da União Europeia reflectem de forma já bem mais clara o impacte que decisões tomadas por entidades supranacionais (mesmo que não tenham as características de estados nacionais modernos) têm sobre o crescimento económico das nações e das regiões neles integradas. A disponibilidade de um *stock* de tecnologia supranacional testado pelos países que entram na época do crescimento económico moderno, por um lado, e a própria existência de um número mais alargado de países modernizados, pelo estímulo que o seu comércio externo induz, são dois aspectos que demonstram o carácter supranacional dos processos de crescimento.

O conjunto de características referido e a inovação epocal por ele responsável constituem um conjunto de aspectos inter-relacionáveis de forma suficientemente coerente e testável, de modo a constituir, mais do que um exercício de descrição, uma teoria:

[...] a testable model that would weave the common elements of the industrial system, the structure of human wants and aspirations, and the political and social concomitants, into a unified whole. [Kuznets, 1959, p. 111.]

Vale a pena exemplificar algumas destas inter-relações:

- a) Altas taxas de crescimento *per capita* associam-se a altas taxas de crescimento do produto por trabalhador, uma vez que o número médio de horas de trabalho declina;
- b) Mesmo levando em conta os altos níveis de acumulação de capital, a taxa de crescimento da produtividade é elevada permitindo o forte crescimento do produto e do consumo *per capita*;
- c) Este crescimento é condicionado pelos efeitos dos avanços tecnológicos que, ao terem diferente impacte sectorial, provocam alteração das estruturas; por outro lado, o referido aumento do nível médio de vida traduz-se em diferentes elasticidades procura-rendimento dos bens, facto que igualmente induz alterações na estrutura económica, agora pelo lado da procura;
- d) Os aspectos internacionais do processo, ao alterarem as vantagens comparativas no comércio externo, criam mecanismos, também pela procura, para alterações estruturais;
- e) Os avanços tecnológicos tornam imprescindíveis alterações na dimensão das unidades produtivas; este facto liga-se com as alterações na localização da actividade económica;

- f) Por seu lado, o desenvolvimento tecnológico e as alterações estruturais alteram a distribuição ocupacional, o estatuto dos grupos profissionais e a sua mobilidade, também espacial;
- g) Assim, o crescimento do produto *per capita* liga-se não só com aspectos ligados à estrutura económica mas também com aspectos da estrutura social, condicionando a estrutura familiar e alterando os padrões mentais e institucionais;
- h) Estes, se não se alterarem, obstam à difusão internacional do processo.

Outro nível de interligação especialmente importante é o que se desencadeia entre progresso científico-avanço tecnológico-crescimento económico. O primeiro cria potencialmente o segundo, enquanto aplicação útil de um conhecimento, e desencadeia o crescimento. A sustentação deste é criada pelas suas próprias estruturas que desencadeiam os meios para altos ritmos de acréscimos de conhecimentos úteis:

[...] many production plants in developed countries can be viewed as laboratories for the exploration of natural processes and as centers of research on new tools, both of which are of immense service to basic and applied research in science and technology». [Kuznets, 1971, Conferência Nobel, p. 317.]

Um dos objectivos de Kuznets com a teoria que criou foi também chegar à elaboração de um modelo que esclarecesse os padrões e mecanismos inerentes ao alastramento do crescimento sustentado a nível mundial, uma vez que as forças comuns ao processo de transformação em causa não são um conjunto fixo, inalterável no tempo e no espaço.

Ao longo do processo de crescimento económico moderno, o complexo de alterações tecnológicas e científicas a ele inerente evolui e é aplicado em cada caso específico em função de condicionantes naturais e históricas próprias, onde se incluem factores como a localização geográfica, a dimensão, os recursos, a estrutura das instituições sociais e económicas pré-existente e o nível de partida.

Em várias circunstâncias Kuznets mostra a sua sensibilidade às especificidades de cada caso nacional, mas, simultaneamente, chama a atenção para dois aspectos interligados:

- i) O padrão geral não foi nunca posto em causa, mas apenas modificado por essas especificidades;
- ii) Esses particularismos não devem ser tratados como «acidentes históricos» mas sim como condições passíveis de formulações genéricas.

Um contributo seu nesta linha, que considerou ser uma «segunda tarefa» da teoria, encontra-se em Kuznets, 1960, e em Kuznets, 1966, onde apresenta o padrão de particularismos induzidos na aplicação do modelo às economias de pequena dimensão.

A este respeito é de realçar a atenção que Kuznets dedica em quase todas as comunicações e publicações sobre o tema, incluindo a Conferência Nobel,

ao que ele chama os países menos desenvolvidos ou subdesenvolvidos, a propósito especificamente das limitações ao alastramento do processo. Este aspecto foi enquadrado em três linhas de investigação, naturalmente complementares e interligadas:

- i) Diferenças internacionais de rendimento — comparações quantitativas entre os níveis de produto e produto *per capita* e as suas tendências. Isto leva-o a constatar acentuadas diferenças entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos, e diferenças igualmente marcadas entre estes;
- ii) Características comuns específicas (estruturas demográficas, políticas e sociais, além das estritamente económicas) deste grupo de países. Entre elas ressaltam as altas taxas de crescimento demográfico, o tipo de regime e formas de legitimação política, as formas de mobilidade social, o baixo rendimento *per capita*, grande peso do sector agrícola, predomínio na actividade produtiva de pequena dimensão ... Isto apesar de reconhecer que as generalizações acerca dos países menos desenvolvidos têm de ser muito cuidadosas dada a variedade de instituições e de outras condições;
- iii) Causas comuns da dificuldade ou impossibilidade de «to exploit the potencial of modern economic growth» — causas do atraso económico. Destaca em especial dois grupos de factores. Um respeitante a aspectos internos, concretamente ligados a estruturas políticas, sociais e institucionais; um outro ligado ao desencadear de processos inibitivos por parte dos países desenvolvidos nas zonas periféricas, em resultado dos mecanismos de internacionalização inerentes ao processo e a políticas conscientes que interferem na liberdade política.

Provavelmente terá sido neste âmbito que Kuznets terá revelado menor originalidade e terá ido menos longe.

A existência nos últimos 25-30 anos de muito mais material estatístico sobre Estados nacionais periféricos e da experiência de sucessivas ondas de «novos Estados industriais», por um lado, e o aparecimento de outros modelos teóricos que tratam estas questões noutra âmbito⁽¹⁴⁾, por outro, tornam possível encaminhar a teoria de Kuznets na busca de padrões específicos de adaptação do seu modelo geral aos casos, aparentemente bem sucedidos, em algumas zonas periféricas. Ele teve consciência destes aspectos quando afirma nos comentários finais da Conferência Nobel:

The most distinctive feature of modern economic growth is the combination of high rate of aggregate growth with disruptive effects and new «problems». [Kuznets, 1971, Conferência Nobel, p. 325.]

(14) É o caso nomeadamente do modelo de I. Wallerstein.

Mesmo assim, fez algumas observações interessantes sobre o processo de difusão do crescimento sustentado, em parte pela sua sensibilidade à importância das condicionantes extra-económicas ⁽¹⁵⁾.

O enquadramento da sua teoria em termos dos sistemas económicos é igualmente hesitante:

Thus in speaking of modern economic growth as the adoption of the industrial system, we imply that the system — a potential possession of all mankind — is in many essential respects one and the same thing in the free or mixed economies of western Europe, in some of its offshoots overseas, in Japan, and in an authoritarian state like the USSR. In all this it means the application of modern scientific discoveries and additions to the stock of tested knowledge. In all of this it requires a minimum of common social concomitants: it cannot be applied without a minimum level of literacy [...] the technological conditions of its economies of scale require a shift from the personal or familial type of organization of the productive unit to the impersonal and bureaucratic (represented by corporations, private or public) [...] (Kuznets, 1959, p. 110).

Por isto Easterlin afirma:

[...] modern economic growth transcends specific institutional forms such as capitalism, socialism or communism. As Kuznets demonstrated in numerous works, [...] contemporary modern development have been essentially similar in the United States and the Soviet Union, Western and Eastern Europe [...] [Easterlin, 1987, vol. III, p. 70.]

Contudo não foi certamente esta a última opinião de Kuznets acerca desta questão. Na penúltima página de Kuznets, 1966, a propósito dos limites da sua análise sobre a época do crescimento moderno e das suas tendências (em parte por ela ainda estar ainda a decorrer e em parte por a amostra do estudo ser ainda pequena), ele refere a impossibilidade de incluir as «economias comunistas». Este facto não se deve sobretudo a dificuldades técnicas para avaliar os níveis de actividade económica nestas economias, de forma comparativa, devido às diferenças nos sistemas de contabilidade:

Differences in institutional and political structure between the Communist countries and those in our sample were so large that the former had to be excluded from a comparative analysis aimed at the common characteristics of modern economic growth. [Kuznets, 1966, edição de 1987, p. 508.]

⁽¹⁵⁾ A questão da aparente vantagem do atraso económico será uma delas.

A disponibilidade de um *stock* de tecnologia supranacional testado pelos países que entram na época do crescimento económico moderno, por um lado, e a própria existência de um número mais alargado de países modernizados, pelo estímulo que o seu comércio externo induz, são dois aspectos que justificam a defesa das vantagens do atraso. Ora, como Kuznets faz notar, o aproveitamento destas eventuais vantagens depende da capacidade, em função do potencial económico, institucional e social de cada país.

Mas de forma que assume «especulativa» e possivelmente «irrealista» coloca a hipótese de, no espaço de três a cinco décadas (!), desaparecer a «herança dos anos específicos de transição na história dos países comunistas». Nesse caso o enquadramento geral de democracia e de estado de bem estar tornaria necessário, eventualmente, incluí-los na amostra dos países desenvolvidos.

Mais uma vez, na conjugação destas duas posturas de Kuznets, de alguma forma contraditória, fica a necessidade de procurar e sobretudo desenvolver mais um padrão distinto de crescimento, mais uma adaptação do modelo geral a condicionantes institucionais específicas mas passíveis de tratamento generalizável.

Kuznets deixou algumas achegas a propósito do crescimento do pós-guerra em Kuznets, 1964.

4.2 — North: para uma teoria da dinâmica económica

Será talvez em North, 1990, e em North, 1994, que de forma mais sistemática e integrada é delineado o essencial do seu contributo teórico: a explicação do nível e crescimento da actividade económica, das dificuldades de alastramento do crescimento económico moderno, em função da interligação entre a transformação institucional e os custos de transacção e transformação, por um lado, a operacionalidade das organizações e o comportamento humano, por outro. Vejamos alguns pormenores sobretudo a partir das duas referências bibliográficas citadas.

O objectivo de North é contribuir para substituir a teoria neoclássica, por outra com igual rigor, mas que, contrariamente a ela, não se fixe na operacionalidade dos mercados e tente explicar a sua evolução, analise a mudança e o crescimento não apenas com base em modelos centrados no desenvolvimento tecnológico e no capital humano, e em que não seja ignorado o facto de que «[...] The incentive structure embodied in institutions [...] determined the extent of societal investment in those factores [technology and human capital]» (North, 1994, p. 359).

O caminho está, segundo North, em alterar algumas das bases do paradigma neoclássico, aceitando outras. North aceita o pressuposto da escassez, a concorrência e os instrumentos analíticos neoclássicos; modifica o que considera erros que impedem ou limitam a capacidade explicativa da teoria em termos da dinâmica das economias, nomeadamente o pressuposto da racionalidade, o de que os custos de transacção são nulos e o de que o tempo não é uma variável relevante.

Assim, a consideração das instituições e do factor tempo torna-se o enquadramento analítico para compreender a evolução económica e por isso elemento crucial de apoio às políticas de desenvolvimento. São estes os dois aspectos que são tratados prioritariamente na Conferência Nobel.

Vejamos como a consideração destes factores conduz a interacções que invadem o domínio de outras ciências sociais como a sociologia e mesmo a psicologia.

As instituições são as restrições criadas pela sociedade, quer formal, quer informalmente, para estruturar as relações interpessoais. Trata-se do que con-

sidera ser a estrutura de incentivos de uma comunidade, sendo as de âmbito político e económico decisivas para o desempenho da economia, uma vez que reduzem a incerteza na escolha e condicionam assim de forma determinante os custos de transacção e transformação. Ora, as instituições não são projectadas para obter eficiência social, mas, pelo menos as formais, reflectem jogos de interesses cujo resultado é função do poder relativo das organizações. Como os custos de transacção, que advêm de especificar o que foi estabelecido ou negociado e de garantir o seu cumprimento, são positivos, o poder de negociação afecta a eficiência do resultado.

O factor tempo torna-se decisivo neste enquadramento analítico porque:

[...] institutions are evolving and, therefore, are continually altering the choices available to us. The changes at the margin may be so slow and glacial in character that we are to stand back as historians to perceive them, although we live in a world where the rapidity of institutional change is very apparent. [...] institutions typically change incrementally rather than in discontinuous fashion.

Este facto deve-se a que, mesmo quando algumas regras formais se modificam de forma descontínua:

[...] informal constrains [...] are much more impervious to deliberate policies. [...] cultural constrains not only connect the past with the present and the future, but provide us with a key to explaining the path to historical change. [North, 1990, p. 6.]

Por outro lado, a evolução institucional é o resultado da interacção instituições-organizações. Se o tipo de organizações existentes em cada momento é o resultado das oportunidades criadas pela estrutura institucional, por outro lado as organizações tendem a alterar a estrutura institucional de acordo com os seus objectivos e com restrições várias como as tecnológicas, as preferências, para além, naturalmente, das institucionais. A dinâmica económica é o resultado do processo que resulta das alterações das escolhas individuais e das organizações.

Ora, a principal fonte de alterações no longo prazo é a aquisição de informação útil para o processo de decisão e o ritmo a que é feita essa apreensão de conhecimentos reflecte, segundo North, a intensidade de concorrência entre indivíduos e organizações, enquanto decisores:

The speed of economic change is a function of the rate of learning, but the direction of the change is a function of the expected payoffs to acquiring different kinds of knowledge. The mental models that the players develop shape perceptions about the payoffs. [Nobel, 1994, p. 362.]

O capítulo 3, em North, 1990, apresenta o passo seguinte neste encadeamento, trata da crítica aos pressupostos tradicionais sobre o comportamento, nomeadamente na teoria da escolha racional, incluindo a teoria da utilidade esperada, e discute a maior complexidade das motivações dos agentes sociais do

que está implícito naquela teoria e sobretudo «[...] the implicit one [assumption] that the actors possess cognitive systems that provide true models of the worlds about which they make choices, or, at the very least, that the actors receive information that leads to convergence of divergent initial models» (North, 1990, p. 17).

Em resumo, a teoria da escolha racional falha ao não considerar que, por um lado, a motivação para o comportamento humano nem sempre é a maximização da utilidade, da riqueza e do rendimento, ignorando as motivações altruístas e as restrições auto-impostas e, por outro, desprezando o facto de que a informação necessária à escolha é descodificada através de modelos mentais preexistentes, condicionados por ideologias, mitos, dogmas, preconceitos. Estes aspectos afastam, no que respeita às escolhas, os resultados esperados relativamente aos realmente observados.

North coloca assim a relação entre os modelos mentais e as instituições:

Mental models are the internal representations that the individual cognitive systems create to interpret the environment; institutions are the external (to the mind) mechanisms individuals create to structure and order the environment. [North, 1994, p. 363.]

Para North a explicação da existência de instituições e o seu papel na resolução eficiente dos problemas económicos exige, para além de uma teoria do comportamento humano, uma teoria dos custos de transacção e transformação, como já anunciámos⁽¹⁶⁾. Voltemos por isso de novo à questão.

O aumento da complexidade que advém da intensificação da especialização e do alargamento dos mercados e das trocas não provoca apenas ganhos, mas também aumenta os custos em que é necessário incorrer para ponderar o valor atribuído ao que é trocado, para proteger direitos de propriedade, para garantir o cumprimento dos acordos. Na base destes custos estão naturalmente os custos de informação:

These measurement and enforcement costs are the sources of social, political, and economic institutions. [North, 1990, p. 27.]

E explica assim as causas do não alastramento do crescimento económico moderno:

The reason is that as the complexity of the environment increased as human beings became increasingly interdependent, more complex institutional structures were necessary to capture the potencial gains from trade. Such evolution requires that the society develop institutions that will permit anonymous, impersonal exchange across time and space. To the extent that the culture and local experiences had produced diverse institutions and belief systems with respect to the gains of such cooperation, the likelihood of creating the necessary institutions to capture the gains from trade of more complex contracting

⁽¹⁶⁾ Como North afirma em North, 1990, capítulo 4, há que acrescentar, naturalmente, uma teoria da produção, mas não é nesse âmbito que North inova.

varied. In fact most societies throughout history got «stuck» in an institutional matrix that did not evolve into the impersonal exchange essencial to capturing the productivity gains that came from the specialization and division of labour that have produced the Wealth of Nations. [North, 1994, pp. 363-364.]

O problema está em que nada garante que se desenvolvam as condições que tornam os custos de transacção baixos nos mercados com as características acima referidas e que são necessários, segundo North, para garantir altos níveis sustentados de produtividade, graças à exploração da tecnologia e da cooperação inerente à divisão de trabalho. Tudo indica que a criação de instituições capazes de reduzir os custos de transacção inerentes ao processo de modernização é contingente, tanto mais que isso não implica apenas instituições económicas mas também políticas.

Por outro lado, mesmo que as instituições criem bases estáveis, nomeadamente a definição das regras sobre os direitos de propriedade, e os meios de impor o seu cumprimento, muito depende das organizações:

The kinds of knowledge, skills and learning that the members of an organization will acquire will reflect the pay off — the incentives — imbedded in the institutional constraints. [...] the skills and knowledge essencial to the Merchant Adventurers (wool cloth exporters in the fifteenth century) were very different from those essential to the success of a modern textile-exporting firm. Self-evident as this point may be, it has profound implications for institutional change. The demand for knowledge and skills will in turn create a demand for increases in the stock and distribution of knowledge, and the nature of that demand will reflect current perceptions about the pay-offs to acquiring different kinds of knowledge. Thus, the demand for investment in knowledge is radically different today in the United States than in Iran. [North, 1991, pp. 74-75.]

North explica em North, 1973, como na Europa Ocidental a relação instituições/sistema mental e cognitivo conduziu a resultados favoráveis graças em grande parte à «gradual perception of the utility of research in pure science», e em North, 1989, em especial pp.1326 e seguintes, e em North 1990, nomeadamente capítulo 13, com o exemplo da Inglaterra e da Espanha, como «[...] even within Western Europe there were successes (the Netherlands and England) and failures (Spain and Portugal) reflecting diverse external environmental experiences» (North, 1994, p. 365).

5 — Conclusão

Enquanto historiador económico, o contributo de Kuznets aproxima-se, em termos de enquadramento, do que acima se referiu como uma historiografia globalizante, de que os aspectos mais salientes serão a interdisciplinaridade e a aplicação de um método indutivo.

A consideração integrada de uma grande variedade de factores extra-económicos tornam a sua análise ambiciosa e pretensamente capaz de explicar não apenas o crescimento sustentado mas a própria mudança social. Este aspecto perdura actualmente com operacionalidade analítica.

Mas os últimos 20 anos vieram sublinhar os limites da aplicação do modelo do crescimento económico moderno, muitos dos quais consciencializados pelo seu autor, de forma bem explícita como ficou demonstrado

O facto de a época do crescimento económico não ter ainda chegado ao fim (facto naturalmente exterior ao cientista), por um lado, acrescido da utilização de um método indutivo para a elaboração da teoria serão as causas essenciais dos seus limites.

Estes dois factores reduzem o rigor e a segurança da teoria, pois existe um número muito limitado de casos estudados e verificados e não está demonstrado, por capacidade limitada de previsão, que os factores considerados por Kuznets e associados empiricamente, até agora, com o crescimento sustentado, sejam uma condição *sine qua non* para a sua existência.

Aspectos como a grande dimensão das unidades produtivas, a concentração urbana da população, a família nuclear ou o regime democrático, só para mencionar alguns, continuarão a estar no futuro inequivocamente correlacionados com o processo de modernização? As próximas inovações, à partida tecnológicas, que resultarão de avanços científicos futuros, exigirão para a sua utilização eficiente, em termos económicos, grandes unidades produtivas ou a concentração da residência da população? Criarão bens que provocarão alterações da estrutura da procura favorável ao crescimento sustentado, apenas se ligadas ao padrão familiar moderno?

As dificuldades sentidas por Kuznets na inclusão das «economias comunistas» na sua análise e a existência de padrões periféricos na difusão do processo àquelas áreas, demonstram o que vimos concluindo.

Fogel representa, como ficou referido, a versão mais clássica e por isso mais radical da cliometria. Fazer um balanço do seu contributo para a história económica é, em muito, avaliar a operacionalidade da cliometria nos seus aspectos essenciais (17).

A utilização de métodos estatísticos sofisticados sobre modelos fundados em teorias dedutivas, nomeadamente a teoria económica neoclássica, levou-o ao esforço de reconstrução e construção de séries quantitativas e a partir daí a um trabalho de sistematização de evidência empírica e de quantificação precisa dos efeitos de variações em certos parâmetros ou de inclusão ou exclusão de alguns factores relevantes para a investigação. Este trabalho é indiscutivelmente importante pelo rigor que a quantificação de causas e conseqüências de fenómenos traz.

Independentemente de discussões sobre a eventual falta de sentido da utilização de raciocínios contrafactuais, por criarem de forma artificiosa situações históricas inexistentes, é difícil recusar o método por razões de inutilidade. Trata-se no mínimo de um exercício de análise comparativa, que permitirá obter

(17) V. ainda a propósito dos contributos de Fogel para a economia e para a história económica Eichengreen, 1994.

níveis de grandeza dos efeitos das alterações introduzidas, mesmo que não se aceite o rigor numérico a que a operacionalidade matemática dos modelos chega, e suscitar novas hipóteses de trabalho.

Mais sensível é a questão da utilização da teoria ou teorias relevantes e dos modelos utilizados na análise. Estes aspectos colocam-se a dois níveis:

- i) São actualmente reconhecidos, de forma bastante generalizada, as limitações da teoria neoclássica para explicar vários aspectos do funcionamento e evolução de muitas economias, mesmo das economias de mercado no século XIX, como os próprios trabalhos de North chamam à atenção. Assim, a sua utilização acrítica reduz a sua eficácia e a confiança nas conclusões;
- ii) A disponibilidade de dados relevantes condiciona a utilização dos modelos, levando à escolha dos que envolvem um menor número de variáveis, potencialmente com menor valor explicativo.

Este facto tende naturalmente a tornar as análises mais economicistas, menos interdisciplinares e por isso menos ricas.

É precisamente a este nível, nomeadamente em relação ao primeiro dos aspectos acabados de referir, que se enquadra a obra de North.

O seu esforço está em melhorar o suporte teórico das análises históricas cliométricas (e também da política económica e especialmente da política de desenvolvimento). O seu objectivo é criar uma teoria dedutiva com maior poder explicativo e mais ajustada à realidade do que a teoria neoclássica mas com o mesmo rigor em termos de operacionalidade.

Já vimos o caminho que traçou nessa busca. Do ponto de vista puramente teórico o seu objectivo foi bastante conseguido. A sua teoria sobre as instituições, os factores que levam à sua alteração e o seu papel no desempenho das economias, ligado à questão central da minimização dos custos de transacção e transformação inerentes ao funcionamento e complexificação crescente do mercado, mostra uma indiscutível operacionalidade dedutiva. Fornece uma explicação inteligível para a diversidade de comportamentos das economias e especificamente para a lentidão do alastramento do crescimento económico moderno.

Simultaneamente, a sua teoria reduz o carácter de historiografia parcelar inerente à cliometria. Como ficou claro no ponto anterior, a interdisciplinaridade está explícita nas componentes da teoria de North.

Contudo falta algo fundamental, que é um outro ponto forte da cliometria: a evidência empírica.

Um dos aspectos nucleares da «teoria da dinâmica económica», como North gosta de a apresentar, necessita de avaliação quantitativa: os custos de transacção e transformação, ou melhor, os acréscimos de eficiência e de rentabilidade social que as alterações institucionais, criadoras por exemplo de incentivos ao estabelecimento de direitos de propriedade e à sua imposição, garantem.

Trata-se no fundo de criar uma contabilidade dos diferentes custos de formação e transacção em termos dos seus efeitos no desempenho das economias. A sua existência é inteligível, o seu sentido e mecanismos também, mas quanto é o seu efeito em diversas economias e em diversas situações?

Em rigor é necessário algo semelhante à contabilidade de crescimento aplicada por Denison, Schultz e muitos outros, a partir do modelo de crescimento neoclássico, que permite quantificar o contributo para o crescimento económico de factores que não as quantidades de factor trabalho e capital, nomeadamente a qualidade daqueles factores, o aproveitamento de economias de escala, etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAUDEL, Fernand, *Civilisation matérielle, économie et capitalisme XVIe-XVIIIe siècles*, Paris, Armand Colin, 1979.
- CHAUNU, Pierre, *Histoire quantitative histoire sérielle*, Paris, Librairie Armand Colin, 1978.
- CIPOLLA, Carlo M., *Entre la historia y la economía. Introducción a la historia económica*, Barcelona, Editorial Crítica, 1991 (tradução castelhana de *Tra due culture. Introduzione alla storia economica*, Bolonia, Società editrice il Mulino, 1988).
- *Allegro ma non troppo*, Oeiras, Celta Editora, 1993 (tradução portuguesa de *Allegro ma non troppo*, Bolonia, Società editrice il Mulino, 1988).
- EASTERLIN, R., «Kuznets, Simon», in Eatwell, J., Milgate, M., Newman, P. (ed.), 1987, vol. III.
- EATWELL, J., MILGATE, M., NEWMAN, P. (ed.), *The new Palgrave a dictionary of Economics*, 1987.
- EICHENGREEN, B., «The contributions of Robert W. Fogel to economics and economic history», in *Scandinavian Journal of Economics*, 96 (2), 1994.
- FOGEL, Robert W., «The new economic history: its findings and methods» in *The Economic History Review*, vol. 19, 1966.
- «The specification problem in economic history», in *Journal of Economic History*, vol. 27, 1967.
- *Railroads and American economic growth: essays in Econometric History*, Baltimore, MD, Johns Hopkins University Press, 1964.
- *Time on the cross: The economics of American slavery*, Boston, Little, Brown & Co., 1974 (2 vols.).
- «Economic growth, population theory, and physiology: the bearing of long term processes on the making of economic policy», in *The American Economic Review*, vol. 84, n.º 3, 1994.
- FOGEL, Robert W., ENGERMAN, Standey L., *The reinterpretation of American economic history*, New York, Harper & Row, 1971.
- FOGEL, Robert W., GALANTINE, Ralph, A., e MANNING, Richard, L., *Without consent or contract: The rise and fall of American Slavery*, New York, W. W. Norton & Co., 1989.
- GODINHO, V. Magalhães, *Introdução à história económica*, Lisboa, Livros Horizonte, s/d.
- KUZNETS, Simon, *Secular movements in production and prices*, Boston, New York, Houghton-Mifflin, 1930.
- «Long Term changes in the National income of the United States of America since 1870», in *Income & wealth of the United States, trends and structure* (Income & wealth series) (ed. S. Kuznets), Cambridge, Bowes & Bowes Cambridge, 1951.
- *National Income and its composition, 1919-1938* (vol. I), NBER, NY, 1954.
- *Six Lectures on Economic Growth*, Illinois, The Free Press of Glencoe, 1959.
- «Economic Growth of Small nations», in Robinson, 1960, pp. 14-32 [inicialmente in Bonné, Alfred (ed.), *The Challenge of Development*, Jerusalem, Hebrew University, 1958, pp. 9-25].
- *Capital in the American economy. Its Formation and financing*, Princeton University Press, 1961 (NBER).
- *Postwar Economic Growth. Four Lectures*, Cambridge (Mass.), The Belknap Press of Harvard University Press, 1964.
- *Modern Economic growth. Rate Structure and Spread*, New Haven, Yale University Press, 1966 (nova edição de 1987).
- *Economic growth of nations. Total output and production structure*, Cambridge, Harvard University Press, 1971.
- «Modern economic growth: findings and reflections», in *Nobel Prizes*, 1971, Stockolm, 1972, pp. 313-326.
- MYHRMAN, J., e WEINGAST, B. R., «Douglass C. North's contributions to economics and economic history» in *Scandinavian Journal of Economics*, 96 (2), 1994.
- NORTH, Douglass C., *The economic growth of the United States 1790-1860*, New York, W. W. Norton & Co., 1961.
- «Sources of productivity change in ocean shipping» in *Journal of Political Economy*, vol. 76, 1968.
- «Beyond the new economic history», in *The Journal of economic History*, vol. xxxiv, n.º 1, Março de 1974.

- «Structure and performance: the task of economic history», in *Journal of Economic Literature*, vol. xvi, Setembro de 1978, pp. 963-978.
- «Theoretical tools of the economic historian» in Kindleberger, C. P., Tella, G., *Economics in the long view*, vol. i, London, MacMillan Press Ltd., 1982.
- «Institutions and economic growth: An historical introduction», in *World Development*, vol. 17, n.º 9, 1989.
- *Institutions, institutional change and economic performance*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
- «Economic performance through time», in *The American Economic Review*, vol. 84, n.º 3, 1994.
- NORTH, Douglass C., e Davies, L., *Institutional change and American economic growth*, Cambridge, Cambridge University Press, 1971.
- NORTH, Douglass C., e THOMAS, Robert P., *The Rise of the Western World: A new economic history*, Cambridge, Cambridge University Press, 1973.
- ROBINSON, E. A. G., *Economic Consequences of the Size of Nations*, London, MacMillan & Co Ltd., NY, St. Martins Press, 1960.
- SCHUMPETER, Joseph A., *History of Economic Analysis*, London, George Allen & Unwin Ltd., 1967 (6th printing).
- TEMIN, Peter, *New economic history*, Harmondsworth, Penguin Books Ltd, 1973.
- TORTELLA, Gabriel, *Introducción a la economía para historiadores*, Madrid, Editorial Tecnos, S. A., 1987 (2.ª ed.).
- TORTELLA, Gabriel (ed.), *Education and economic development since the industrial revolution*, València, Generalitat Valenciana, 1990.